



A travessa da Estrela e o metonímia Ben(e)dito

Paulo Nunes¹

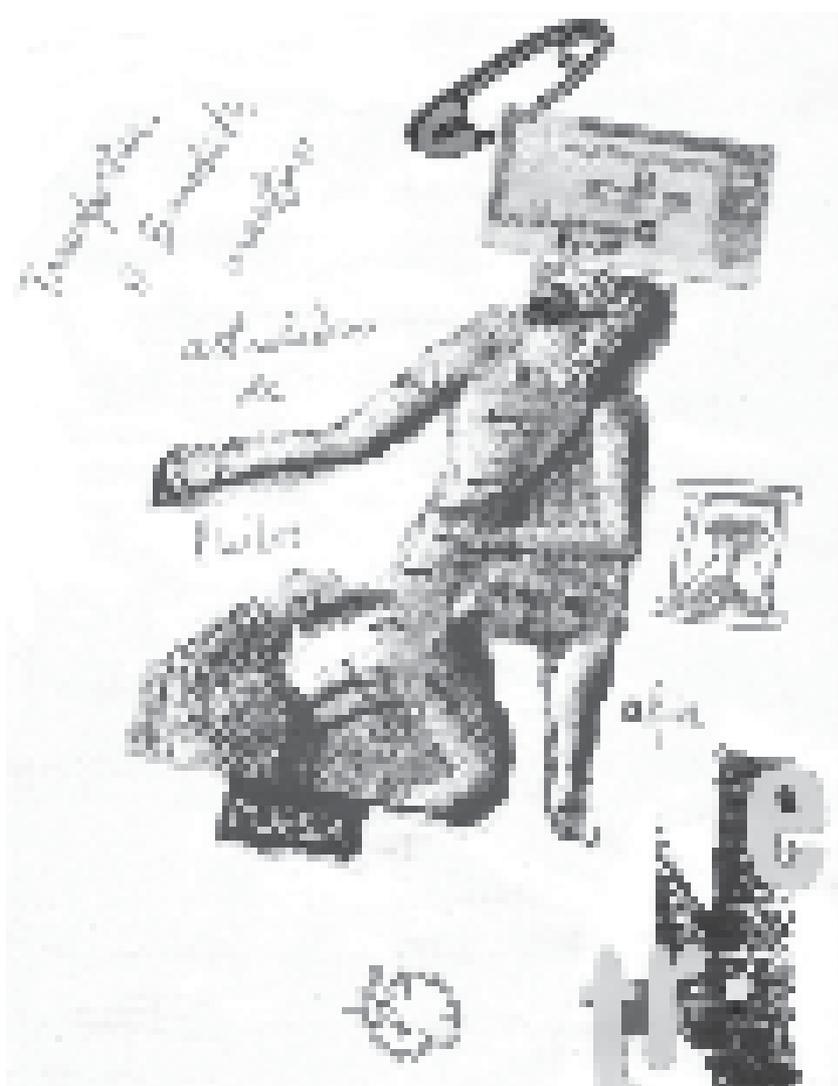
O complexo mundo do pensamento tem sua lógica própria. Para adentrar nele, precisamos de um longo tempo preparatório, parcimônia, pois que nossas limitações aumentam a necessidade de cultivar a paciência, sentimento tão necessário quanto fôssemos adentrar numa cápsula daquelas que transporta – metáforas? – argonautas ao abismal espaço. Imagino – imago – que se chegando ao território do inimaginável, pensamos que a Terra é azul, um “blue” cantocantado, e que a Lua está tão próxima das nossas mãos quanto as teclas de uma máquina Remington, hoje bibelô na mesinha de centro da sala. Poder de suprema posse? Ilusão? A viagem, como toda caminhada valorosa, é complexa, duradoura, inconclusa e contém obstáculos. Há algo de “religare” no universo do pensamento. Trilhamos vias sacras, “estandebairizamo-nos” nas estações, a fim de nos abeberarmos das palavras, palavras que contêm um caudal mágico, mais ou menos como dissera Cecília Meireles, certa feita: “Palavra, Oh! Palavra, que estranha potência a vossa!...” Faço todo este rodeio, intróito preparativo, e o leitor já desconfia do motivo. Quero tratar, na cerimônia celebrativa, observador à distância que sou, sobre uma personalidade que habita – sacerdote privilegiado? – o mundo do “logos”. Transformei a desvantagem em vantagem aparente. Explico-me: não tenho intimidade com esta pessoa, sequer sou seu amigo. Freqüentador da travessa da Estrela? Não sou (embora lá tenha sido recebido durante três vezes: uma para entregar um volume de Márcia Marques de Moraes sobre Guimarães Rosa, no qual o professor é citado; outras duas, quando Josse Fares, Josebel Akel Fares e eu fomos conversar com o escritor Haroldo Maranhão durante o lançamento de “nosso” **Texto e Pretexto**, em que o autor de **Voo de Galinha** é estudado; houve ainda a gravação do documentário sobre Max Martins, “Fazer como os Pássaros...”, dirigido por Abdias Pinheiro, que tem roteiro de texto da Josse).

Pois bem, por menor que possa parecer, nossa experiência tem mostrado que toda cidade tem seus nomes emblemáticos; ícones que se transformam em representantes do mundo das palavras, das artes, enfim, da cultura. Não somos diferentes, Belém também tem seus ícones. E um deles chama-se Benedito Nunes. Quase sempre, quando apresentamos trabalhos em encontros de literatura, há alguém que exclama: “Ah! São de Belém... a terra do Benedito [Nunes]?” Ora, tal manifestação é um modo de dizer que uma pessoa, graças à proeza de seu trabalho - pensamentos e escritos -, é verbo encarnado, como eu poderia dizer, uma metonímia² de nós todos. Assim, não é exagero dizer-se aqui que, de certo modo, Benedito Nunes é um metonímia de Belém.

Conheci nosso metonímia (pessoalmente, digo) quando, “borracho” - eu, muito jovem ainda, iniciara o curso de Letras na Universidade Federal do Pará, início dos anos 80. No auditório do então Centro de Letras (hoje curiosamente este espaço chama-se Francisco Paulo Mendes, nome de um amigo pessoal do mestre da Travessa da Estrela), uma palestra sobre Guimarães Rosa. Novatos, eu e Elaine Oliveira (e mais um significativo número de estudantes), hoje minha colega de magistério na Unama, escutávamos magnetizados o que falava o mestre, e a plateia, silenciosamente, apre(e)ndia. Confesso a vocês que não entendi meio quilo das toneladas de “alimento” que o professor Benedito repartia fraternalmente conosco naquela ceia. Saí dali – falo evidentemente tão

¹ Professor da Universidade da Amazônia, Belém-PA, apesar do Nunes que traz no sobrenome, Paulo não é parente do intelectual homenageado nesta crônica; o Paulo leitor de Dalcídio amadureceu acerca de algumas artimanhas construtivas de romancistas marajoaras nos estudos de Benedito Nunes.

somente por mim - com um misto de curiosidade e semi-humilhação. O assunto da preleção era nada menos que Guimarães Rosa, então uma leitura um tanto rala feita no meu segundo grau; assunto que me tantalizara olhos e ouvidos (coisa que se intensificou bastante quando a rede Globo levou ao ar a série com Toni Ramos e Bruna Lombardi). Mas, sem desviar caminhos, voltemos ao professor Benedito. Naquele dia, pensava eu: como um homem fisicamente tão pequenininho podia saber com tanto sabor? Tamanho é documento? Quando eu “crescer”, quero ao menos apertar sua mão... Eu expressara (ingenuamente?) esse desejo em sala de aula. Ruy Barata, nosso professor de Literatura Brasileira, sarcasticamente, me gozava: “Paulo, irmãozinho, este sobrenome... Queres te valer da fama do Benedito, hein?” Eu olhava atônito para o Ruy e me limitava a sorrir. O que fazer? Afinal, calouro, não tinha ainda a malícia necessária para lidar com os jogos de linguagem do Paranatinga. A fábula da raposa e as uvas.



² Segundo a versão eletrônica do **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**, metonímia é “figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado [Não se trata de relação comparativa, como no caso da metáfora.]”

Como eu disse, não participo do círculo de amigos (em Belém há alguns reconhecidos discípulos dele) do professor Benedito (talvez por isso seja incongruente eu chamá-lo aqui de “Bené”), mas há alguns fatos que gostaria de lembrar nesta quase crônica de registros. Ao promovermos um encontro sobre literatura paraense no colégio Deodoro de Mendonça, em 1983, fui, aos poucos, me aproximando de ancho “magro poeta” Max Martins; inicialmente na SUCAM (então um prédio colonial na avenida Nazaré com a Rui Barbosa) e depois ali na Casa da Linguagem. A Casa, braço da Fundação Curro Velho, é, como sabemos, espaço mágico reservado à expressão verbal que o Estado mantém na avenida Nazaré com a Assis de Vasconcelos. E, vez ou outra, o Max falava de seus amigos, dentre eles, o ilustre morador da Travessa da Estrela. A fala de Max era de uma expressão franciscana, compassada, mas fluente e verdadeira, e, sobretudo, substancial, consubstancial. Porque em Belém, o observador atento perceberá em uma ou duas reuniões, há quem queira demonstrar intimidade com Benedito Nunes, tratando o mestre simplesmente como “Bené”. Há os que podem fazê-lo, mas há os que não deveriam “forçar a barra”, afinal tal gesto chega a transpirar esnobismo quando não uma demonstração de falsa intimidade com o filósofo e crítico literário. É como que se ao enunciar “hoje estive com o Bené”, se concretizasse uma sentença valorativa, espécie de escalada progressiva na trajetória intelectual do enunciador. Bem, mas eu dizia que algumas de minhas conversas com o Max Martins, traziam à baila as figura de Benedito e Maria Sylvia Nunes.

Sei que, perdoem-me, cometo rodeio retórico. Trasladando-me em torno de meu próprio eixo? Corro o risco de perder-me na floresta das palavras? Em suma, é preciso enfatizar, antes, sobre o valor de “adido intelectual de Belém” que o professor do antigo Centro de Filosofia da UFPa goza fora de nossos amazônicos limites territoriais. E uma demonstração concreta disso se deu quando meu querido Audemaro Taranto Goulart me disse, em Belo Horizonte: “Paulo, você precisa explorar mais em seu texto **O Tempo na Narrativa**³, do Benedito!” É bem verdade, que em minha graduação, após a experiência reveladora da conferência aqui aludida, tive contato com um capítulo de **Passagem para o Poético: filosofia e poesia em Heidegger**. Aquela leitura foi, na realidade, uma forma mais didática de me fazer compreender sobre a força da palavra poética. Confesso, entretanto, que as leituras reiterativas e mais significativas que fiz de nosso filósofo foram os dois textos sobre Dalcídio Jurandir. Um primeiro, que me gentilmente cedido pelo amigo Silvio Holanda (professor do Instituto de Letras da UFPa), foi a resenha sobre **Belém do Grão-Pará**, publicada no **Estado de S. Paulo**, em 1960. É um segundo, que foi publicado na revista **Asas da Palavra** sobre Dalcídio Jurandir, editado pela Unama em 2004, estudo que muito me auxiliou na interpretação do romance urbano de Dalcídio. Tirei proveito também de uma conferência do professor Benedito durante o Encontro Nacional dos Estudantes de Letras, que se realizara em Belém, campus da UFPa, em 1995, se não me falha a memória. Foi naquele ENEL que o filósofo paraense

³ Maria das Neves Penha Obadia me ajudou muito neste particular. Aproveito para agradecer a ela publicamente.

noticiara a respeito – já relatei isso noutro texto – da conversa que ele tivera com Dalcídio Jurandir, logo após a publicação de **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa. Segundo Nunes, Jurandir ficara atônito com o que lera, e assim o ficcionista paraense perguntava: “Bené, o que um romancista pode fazer depois da publicação deste romance do Rosa?...”. Tal revelação teve um gosto especial para mim, porque além de demonstrar que estávamos diante de um Dalcídio exigente leitor, tínhamos no autor de **Marajó** um homem afinado com as novidades do romance de seu tempo. Outro trabalho de Benedito Nunes que me causou contentamento foi o **Crônica de duas Cidades**, escrito em parceria com Milton Hatoum, publicado pela SECULT-Pa. O livro, como se sabe, trata de Belém e Manaus como capitais culturais da América Latina, obra que se transformou numa jóia preciosa de que também lancei mão para escrever minha tese em Belo Horizonte. A edição da SECULT-Pa é caprichada e nos faz confirmar o fato de quanto o Brasil republicano – além das grandes distâncias geográficas, é claro! – isolou, ainda mais, a Amazônia do restante do Brasil. Na Unama estive umas duas ou três vezes com o professor. Uma em que ele fora homenageado no Fórum Paraense de Letras, e noutro, quando o homenageado, noutra versão do encontro, foi prestigiar Max Martins.

Pois bem, eis uma rápida declaração pessoal da importância desta figura emblemática, que muito provavelmente demarca a nossa – paraense – vida cultural em duas fases, antes e depois dele. Benedito Nunes é, portanto, um marco. Mais que territorial, um marco simbólico das terras do Grão-Pará, por vezes tão amesquinhado, pela incompetência e vaidade excessiva. Uma terra feminina, mariana, teimosa, que resiste graças a algumas de suas filhas. E filhos.

Santa Maria de Belém do Grão-Pará, ano de 2009.